REAÇÕES DE PERDA: O LUTO E A MELANCOLIA EM *O MAR* DE JOHN BANVILLE

Dilorrara Ribeiro Gomes [1]
Adolfo José de Souza André [2]

Resumo: O romance *O mar* (2005), do escritor irlandês John Banville, é uma narrativa que propicia uma análise sobre o luto e a melancolia que acometem o ser humano, pois a história tem um cunho memorialístico e está carregada dessas duas reações de perda. O protagonista e narrador do romance, Max Morden, um sexagenário, relata sobre seu passado e acerca de perdas importantes, que acabaram afetando, profundamente, a forma como ele lidou com a vida. Primeiramente, a perda trágica dos gêmeos Myles e Chloe, na infância do protagonista, que lhe gerou o trauma de nadar. Posteriormente, já em sua velhice, Max perde a esposa, vítima de câncer, o que motiva o seu retorno à paisagem da infância, a pequena cidade de Ballyless. O processo de luto é acompanhado pelo estado de melancolia de Max, sentimento que lhe é particular, a partir do momento em que ele decide regressar ao seu passado e recontá-lo, numa perspectiva terapêutica. Nesta perspectiva, discutimos as reações de perda, o luto e a melancolia, no romance *O mar* a partir de autores como Walter Benjamin (1984), Moacyr Scliar (2008), Sigmund Freud (2013), Kathleen Costello-Sullivan (2018), dentre outros, que contribuem para a compreensão desses sentimentos. Assim, o artigo propõe refletir sobre a escrita de John Banville e sobre a forma como ele analisa o procedimento afetivo de Max, que, em dois momentos distintos de sua vida, passa pelo processo de luto e reage de forma melancólica.

Palavras-chave: Luto. Melancolia. *O mar*. John Banville.

LOSS REACTIONS: GRIEF AND MELANCHOLY IN *THE SEA* BY JOHN BANVILLE

Abstract: The novel *The Sea* (2005), by the Irish writer John Banville, is a narrative that provides an analysis of grief and melancholy that affect human beings, as the plot has a memorialist nature and is loaded with these two loss reactions. The novel's protagonist and narrator, Max Morden, a sixty-year-old man, tells about his past and important losses, that ended up profoundly affecting the way he dealt with life. First, the tragic loss of the twins Myles and Chloe, in the protagonist's childhood that generated the trauma of swimming. Later, in his old age, Max loses his wife to cancer, that motivates his return to the childhood landscape, the little town of Ballyless. The mourning process is followed by Max's state of melancholy, his particular feeling, from the moment he decides to return to his past and retell it in a therapeutic perspective. In this perspective, we discuss the reactions of loss, mourning and melancholy in the novel *The Sea* based upon authors such as Walter Benjamin (1984), Moacyr Scliar (2008), Sigmund Freud (2013), Kathleen Costello-Sullivan (2018), among others, that contribute to the understanding of these feelings. Thus, the article proposes to reflect on the writing of John Banville and on the way he analyzes the affective procedure of Max, who, in two different moments of his life, goes through the process of mourning and reacts in a melancholy way.

Keywords: Mourning. Melancholy. *The Sea*. John Banville.

[1] Mestre em Língua, Literatura e Interculturalidade – POSLLI / UEG. E-mail: dilorrararg@hotmail.com
[2] Doutor em Letras e Linguística – POSLLI / UEG. E-mail: adolfojoseandre@gmail.com

"as coisas permanecem enquanto os vivos se extinguem"

John Banville, *O mar*

Introdução

Um romance complexo e cheio de significados, *O mar* (2005), do escritor irlandês John Banville, propicia uma fonte rica de estudos a respeito de conflitos humanos, espaços criados e ressignificados por memórias traumatizadas e afetividades perdidas, além da efemeridade da vida, dentre outras possibilidades. Contudo, neste artigo, damos enfoque aos aspectos do luto e da melancolia, sentimentos que desabrocham a partir de uma série de perdas do protagonista, que lhe trouxe mudanças significativas na forma como ele passou a lidar com o mundo desde a sua infância. Por exemplo, após presenciar a morte dos gêmeos Myles e Chloe, Max não consegue mais nadar. Fica traumatizado por ter testemunhado o afogamento dos irmãos. Passando a ser bastante introspectivo, o protagonista desenvolve, também, o sentimento da melancolia, que se mistura no seu terapêutico exercício da recordação[3] ao contar suas experiências mais antigas.

O romance conta a história de Max Morden, um sexagenário que decide regressar ao seu passado da infância, mais precisamente aos onze anos, por meio do exercício mnemônico e da atividade de escrita quando decide retornar para a cidade litorânea de Ballyless, na Irlanda, já idoso, logo após o falecimento da esposa. Com uma narrativa terapêutica, já que o narrador está em processo de luto e busca refúgio e suporte afetivo na paisagem de sua infância, vemos Max trazer de volta à memória alguns nomes do seu passado, como uma forma de exorcizar antigos fantasmas que o assombravam durante toda a sua vida, tendo em vista que a dor da perda (o luto) é uma constante na vida do protagonista. Assim, misturam-se dois tipos de reação de perda: a perda sentimental, incurável, que se manifesta em linhas narrativas melancólicas, com o resgate de histórias da sua infância e pré-adolescência e a perda material, o luto, que é uma reação natural do ser humano quando perde um ente querido. O narrador protagonista lida, portanto, com os dramas inerentes ao ser humano, dentre eles, a efemeridade da vida e a dolorosa durabilidade da melancolia.

Este artigo está subdivido em dois tópicos: o primeiro é teórico, onde discorremos

[3] Para um estudo a respeito da função mnemônica em *O mar*, vide o artigo por nós publicado "Entre o mar e as ruínas do passado. As configurações topográficas em *O mar*, de John Banville", disponível em: <https://revistas.unicentro.br/index.php/revista_interfaces/article/view/6285>.

brevemente sobre os sentimentos de luto e de melancolia; já o segundo, é analítico. Desta maneira, propomos uma discussão a respeito destas duas reações de perda, que fazem parte da trajetória do ser humano e são objetos de estudo desde a Antiguidade. Como uma narrativa que reflete sobre efemeridade humana, *O mar*, através da história de Max Morden, estimula o leitor a uma reflexão a respeito da transitoriedade da vida, suas vicissitudes e transformações com o passar dos anos.

1 Luto e melancolia: estados emocionais que afligem o ser humano

Luto e melancolia são estados emocionais que fazem parte da existência humana. Diante da morte de um ente querido, diante de uma dor profunda, diante da perda de pessoas, o ser humano experimenta o sentimento do luto. Quando existe uma perda mais abstrata, podendo ser a de um ideal, o ser humano é acometido pelo sentimento de melancolia (FREUD, 2013), e que, ao contrário do luto, que tem uma certa duração, não abandona o ser humano, podendo, inclusive, ser um sentimento que o caracteriza.

Em seu ensaio "Luto e melancolia", Sigmund Freud propõe que o luto seria "a reação à perda de uma pessoa querida ou de uma abstração que esteja no lugar dela, como pátria, liberdade, ideal etc". No entanto, a melancolia é caracterizada como um luto prolongado, uma ferida aberta. Existe na melancolia "um desânimo profundamente doloroso, uma suspensão do interesse pelo mundo externo, perda da capacidade de amar, inibição de toda atividade e um rebaixamento do sentimento de autoestima, que se expressa em autorrecriminações e autoinsultos" (FREUD, 2013, p. 28). Quer dizer, o processo de luto costuma inibir o interesse pelas coisas do mundo, pelas interações sociais, e o enlutado acaba por se autorrecriminar. Ainda conforme o psicanalista, o luto revela também os mesmos traços, exceto um: "falta nele a perturbação do sentimento de autoestima". Se o luto deixa o mundo vazio e pobre, na melancolia, é o ego – incapaz e indigno – que irá se empobrecer. No luto, o indivíduo sabe qual o objeto perdido. Na melancolia esse indivíduo não sabe o que perdeu, resultando numa perda do seu próprio ego, sendo capaz de odiar, recriminar a si mesmo, de maneira narcísica.

O luto pode ser entendido não apenas como uma reação diante da morte de alguém, mas também pode ser considerado como uma reação provocada por rompimento afetivo, uma frustração provocada pelo término de uma relação amorosa, ou até mesmo uma resposta afetiva pela perda de um animal de estimação ou mesmo parte do corpo, como defende Vera

Ramos (2016, p. 01) em "O processo do luto". No livro *Bom dia, angústia!*, de André Comte-Sponville (1997, p. 89), o luto é mais do que a morte, pois "[h]á luto a cada vez que há perda, recusa, frustração. Logo, há luto sempre. [...] O luto é essa margem de insatisfação ou de horror, conforme os casos, pela qual o real nos machuca e nos pega, com tanto maior força quando maior é nosso apego a ele".

Conforme Vera Ramos (2016), o processo de luto carrega consigo uma complexidade, haja vista que cada pessoa lida com o luto de uma maneira diferente, diante dos graus de laços afetivos, ambientes, e circunstâncias de perda. A autora aborda o processo de luto pela perspectiva de alguns teóricos, dentre eles Freud. Segundo Vera Ramos (2016, p. 04), Freud propõe que, ao perder um elo significativo, a energia libidinal da pessoa é carregada de memórias e pensamentos em relação ao objeto perdido, o que resulta em dificuldade relacional daquele que sobrevive até o momento em que o laço se rompe, possibilitando que haja transferência da energia libidinal para um novo objeto. Sendo assim, no processo de luto finalizado há liberdade do ego para uma nova relação. Entretanto, quando isso não ocorre de maneira adequada, sintomas como melancolia, dor, e falta de interesse, intensificados, aparecem no sobrevivente.

Vera Ramos (2016) cita John Bowlby para falar também que o processo do luto passa pela etapa de desvinculação do elo perdido até a recuperação total do sujeito. Podemos observar assim que:

> A primeira fase é o *choque* onde o indivíduo não reconhece a perda. De seguida entra a fase de *protesto* em que o indivíduo procura e anseia pela pessoa perdida. A terceira fase é o *desespero* que ocorre quando o indivíduo se apercebe que a perda é permanente. A quarta e última fase é a *aceitação* que ocorre quando o indivíduo se adapta à perda e começa a retomar o seu funcionamento normal. A adaptação ao luto é o resultado de uma interação entre duas forças de vinculação opostas: a necessidade de manter a proximidade com a pessoa perdida e a necessidade de desvinculação para investir noutras relações. (RAMOS apud BOWLBY, 2016, p. 04, grifos da autora)

Worden (1983), também citado por Vera Ramos (2016, p. 05, grifo da autora), entende haver alguns pontos que necessitam ser trabalhados e concluídos no processo do luto. São eles: "*aceitar a realidade da perda*, *experienciar e processar a dor*, *a adaptação ao ambiente no qual a pessoa perdida já não está presente* e *o reinvestir noutras relações*". Nesse contexto, pode vir a surgir um luto patológico, ou seja, uma ferida que perdura por mais tempo do que o normal, quando as fases necessárias do processo de luto não são

finalizadas. Contudo, o luto considerado normal segue suas etapas, como as referidas acima, da negação à aceitação (RAMOS, 2016, p. 06-07).

A melancolia, por sua vez, é pensada tanto na psicologia e na filosofia quanto nas artes e na astrologia. Segundo Moacyr Scliar (2008, p. 135-136), em "O nascimento da melancolia", esta tem várias etapas de desenvolvimento a partir do seu nascimento. Na Antiguidade, sua associação estava nas alterações de humor. Os antigos acreditavam existirem quatro humores: bile amarela, bile negra, sangue e linfa, os quais eram associados com os quatro temperamentos do homem: sanguíneo, fleumático, colérico e melancólico. A melancolia está associada ao aumento da bile negra no corpo humano. Segundo Hipócrates, o baço era o órgão responsável pela produção deste humor, o que acarretava um estado de intensa tristeza e, respectivamente, de melancolia. Nesse sentido, aquele que padecia da melancolia, chamado de melancólico, se revelava através de um indivíduo com os seguintes atributos: "magro, pálido, taciturno, lento, silencioso, desconfiado, invejoso, ciumento, solitário – [...] sofre de insônia e, como a coruja – símbolo da sabedoria, mas ave triste –, não gosta da luz" (SCLIAR, 2008, p. 136).

Já Aristóteles (1998), no *Problema XXX*, entende que a produção excessiva da bile negra (problema físico) ocasionava um estado de espírito melancólico (problema emocional), potencializando o surgimento de um sujeito reflexivo e voltado às artes. Esse sujeito tem, portanto, um problema de alma. É de sua natureza ser, assim, melancólico, aspirando essa condição como uma bênção. Como o próprio Aristóteles (1998, p. 105) afirma, "todos os melancólicos são [...] seres de exceção e isso não por doença, mas por natureza". Segundo Scliar (2008, p. 136), há uma melancolia natural que faz com que aquele que a detenha esteja inclinado para a criação artística: "[o] temperamento melancólico é um temperamento metafórico, propenso, pois, à criação – na filosofia, na poesia, nas artes. Mas os melancólicos pagam um preço: esse talento os arrebata e os conduz pela vida como um 'barco sem lastro', na expressão de Sócrates".

No século IX, segundo explicações de Walter Benjamin (1984, p. 171), a teoria dos humores foi associada à influência astral a partir da releitura que alguns autores árabes (especialmente o persa Abû Ma Sar) realizaram sobre o aspecto melancólico. Conforme os árabes, o humor do tipo melancólico estaria sob influência do planeta Saturno, de revolução lenta e que, segundo o conhecimento dos antigos, também estava associado ao chumbo, e – governava no homem o baço – residência da bile negra. Portanto, afirma Scliar (2008, p. 136),

ficou inevitável a relação entre a melancolia e Saturno. Saturno é também o correspondente romano para o titã grego Cronos, o pai do tempo e que, na cosmogonia, fora derrotado pelos deuses. Hesíodo (2003, p. 133) narra que, no início dos tempos, ocorreu a titanomaquia (guerra dos titãs contra os deuses do Olimpo) e que os titãs, inclusive Cronos, foram derrotados e punidos pelos deuses. Sua condição após a derrota, a de ser o rei dos deuses e prisioneiro ao mesmo tempo, corroborará uma das condições mais características do melancólico: o seu caráter antitético.

A melancolia para Walter Benjamin, conforme Marcos Lentino Messerschmidt (2020, p. 93), em "Pensar a melancolia", é de que o filósofo "constrói um rigoroso tratado sobre a disposição melancólica e seus sintomas, sobre o sujeito melancólico e suas idiossincrasias". Para isso, Benjamin utiliza uma pintura chamada de *Melancolia I* [4], de Albrecht Dürer, como representação clara e precisa dessa disposição melancólica.

Figura 1 - *Melancolia I* (1514), de Albrecht Dürer

Fonte: <http://www.princeton.edu/~his291/Durer_Melancolia.html>. Acesso em: 16 de abril 2022

[4] Figura 1.

Essa tela, apesar de ser renascentista, acaba antecipando ou trazendo os traços do movimento artístico do Barroco: profundidade, meditação, contraste, mitologia. Nessa pintura aparece uma misteriosa figura alada, contrastando com outros elementos, representativos da vida ativa, visivelmente "espalhados pelo chão como objeto de um estéril ruminar", ou seja, capaz de produzir conhecimento (*apud* MESSERSCHIMIDT, 2020, p. 93). Essa figura alada ou a mulher com asas, está imóvel, em posição de pensamento reflexivo (próprio do melancólico), num aspecto de cansaço, com uma coroa de plantas aquáticas sobre a cabeça (combater a secura que é própria da melancolia). Ao fundo da tela, o mar (representa os desejos escapistas), e o cão ao lado em posição adormecida (o organismo do cão era dominado pelo baço, portanto melancólico). A ampulheta representa um tempo que não passa, inerte, pois dos dois lados contêm igualdade de areia. A pintura traz imobilidade, a sensação de tempo estático, silêncio, atmosfera sombria e taciturna (SCLIAR, 2008, p. 135).

A melancolia passa a receber maior atenção dos médicos e dos pensadores a partir do século XVI, em que o interesse pelos acontecimentos relativos à mente estava em voga. É observável que, nos estágios da melancolia, esta já foi vista como doença, desequilíbrio dos humores, influência astral, condição do sujeito dado à criação, às artes e à filosofia, condição da mente, e por fim, já na contemporaneidade, como sinônimo de depressão (SCLIAR, 2008, p. 136-138).

A melancolia será vista, segundo Carlos José da Silva Santa Clara (2009), em "Melancolia: da antiguidade à modernidade", como um subtipo da depressão pela Psiquiatria. Conforme o autor, ao citar o Código Internacional de Doenças (CID-10), e outros manuais de semiologia e psicopatologia, a melancolia será vista como um Episódio Depressivo. Santa Clara (2009, p. 02) evidencia que é preciso haver a manifestação de alguns sintomas no sujeito para realizar seu diagnóstico, citando para isso a Organização Mundial de Saúde: "concentração e atenção reduzida; autoestima e autoconfiança reduzidas; ideias de culpa; visões desoladas e pessimistas do futuro; ideias de suicídio; sono perturbado e apetite diminuído".

Como pudemos observar, a melancolia é um sentimento inerente à existência humana, com características próprias e que foi (e ainda continua sendo) objeto de estudo ao longo da história. Assim, em cada momento, tempo e campo do saber, a melancolia recebeu a atenção do homem, sendo entendida de maneiras diversas:

> Enfim, da produção de uma bile negra em excesso, na Grécia antiga, à sua inserção no campo da psicose maníaco-depressiva, na modernidade, a melancolia se consagrou como o termo mais antigo e utilizado para se nomear um sofrimento marcado pela tristeza, pela angústia, pelos pensamentos obsedantes, pela inibição, pela queixa e, em alguns casos, pelo delírio e pela exaltação-mania. (SANTA CLARA, 2009, p. 09)

Após essas considerações teóricas, observamos que luto e melancolia são sentimentos distintos, com características próprias, entretanto, correlacionam-se, visto que são reações de perda que provocam dores e angústias. Sendo assim, passamos à discussão do romance *O mar*, em que a morte de Anna – esposa de Max Morden – provoca o seu luto. Sua condição de enlutado corrobora o seu estado melancólico reflexivo. Essa situação leva Max a regressar ao passado de sua infância, em que presenciou a morte pela primeira vez e lhe foi marcantemente trágico: a morte dos seus amigos gêmeos Myles e Chloe Grace. Logo, as descrições espaciais e de momentos empreendidas por Max Morden carregam esses sentimentos diante de inúmeras reflexões sobre a vida, pelo viés memorialístico.

2 O luto e a melancolia de Max Morden: "Carregamos os mortos conosco só até morrermos nós também" [5]

A narrativa *O mar* (2005) oscila entre o passado mais recente da escrita e outro mais longínquo. Uma ligação entre o período da infância e o início da velhice. Max lida com o processo do luto e de seus conflitos interiores. Sua esposa Anna morrera de câncer. O passado é trazido pela memória, por meio de inúmeras lembranças, boas e ruins, e dos momentos ao lado da família Grace. Lembranças boas como as brincadeiras ao lado dos gêmeos, conversas com sua esposa Anna, e lembranças ruins como testemunhar o afogamento dos gêmeos e o enterro de sua esposa. Essa família Grace, hóspede da casa *The Cedars*, – na cidadezinha de Ballyless – tem uma importante representação significativa na vida de Max. Os gêmeos Myles e Chloe Grace acabam se tornando amigos dele, mais do que isso, este os considerava como sendo "deuses", ou seja, estavam em um nível acima da amizade, o da adoração. Max olhava para os Graces e via-os como seres diferenciados, em um grau social elevado e diferente do dele – marcado por conflitos familiares e menor poder aquisitivo –, por isso, ser escolhido

[5] Citação, do protagonista Max Morden, do romance analisado: *O mar*. Somos seres transitórios, portanto, a memória dos mortos sobrevive em nós enquanto estivermos vivos. Uma vez que deixamos de existir, a memória dos mortos acaba se apagando também. E nós viramos memória de outros que sobrevivem a nós e continuaremos existindo na memória até aqueles que se lembram da gente existir.

pelos recém-chegados era, segundo ele: "[u]m sinal de distinção, de que eu era um eleito em meio a tanta gente indiferenciada. Os deuses tinham me escolhido para prodigalizar-me seus favores" (BANVILLE, 2014, p. 96). Como ele próprio afirma, ao andar junto com os gêmeos: "Quanto orgulho eu sentia de ser visto com eles, aquelas divindades, pois achava, claro, que fossem deuses, tão diferentes que eram de todo mundo que eu tinha conhecido até então" (BANVILLE, 2014, p. 95). Ademais, tornam-se deuses porque permaneceram "eternamente" na memória de Max, mesmo após a morte prematura.

Em um determinado dia, os gêmeos morrem afogados na frente de Max, o que vai lhe acarretar um trauma ao longo de sua vida: o medo de nadar. Nas primeiras linhas da narrativa, o protagonista e narrador Max mostra que os gêmeos morreram num dia de uma maré estranha. A descrição que se segue está carregada de melancolia:

> ELES PARTIRAM, OS DEUSES, no dia da maré estranha. A manhã inteira sob um céu leitoso as águas da baía tinham subido mais e mais, atingindo alturas inauditas, pequenas ondas rastejando sobre a areia crestada que havia anos só era umedecida pela chuva e chegando a lamber a base das dunas. O casco enferrujado do cargueiro encalhado na entrada da baía em algum momento fora do alcance da memória de qualquer um de nós deve ter achado que lhe concediam a oportunidade de um relançamento. Eu nunca mais tornaria a nadar, depois desse dia. As aves marinhas vagiam e mergulhavam, em nada afetadas, ao que parece, pelo espetáculo daquela vasta bacia de água que inchava como uma bolha, de um azul de chumbo e com um fulgor maléfico. Pareciam anormalmente brancas, naquele dia, essas aves. As ondas depositavam na areia uma franja de espuma impura e amarela. Vela alguma desfigurava o horizonte alto. Não voltei a nadar, não, nunca mais. (BANVILLE, 2014, p. 09)

É possível observar, na descrição realizada do espaço e do momento, a presença do sentimento de melancolia projetado na descrição espacial. Uma atmosfera fria, sombria e que, propositalmente, coincide com a descrição do estado de espírito do observador, de Max. A maré encontra-se diferente do habitual, ondas anormais, águas escurecidas, azul de chumbo, de um resplendor maléfico. O navio que há tempos estava abandonado na baía, imóvel, parecia querer navegar novamente, tal o volume das águas. Como um elemento estático, que representa o estado de espírito do sujeito melancólico, o navio parece querer voltar à atividade, porém, motivado por um acontecimento que causa estranheza no atônito expectador Max. Até mesmo as aves pareciam anormalmente brancas diante daquele cenário em que estava prestes a acontecer uma tragédia. Essa tragédia – morte dos gêmeos –, como já comentado, marcaria a vida de Max. Nesse dia, o mar levou embora "os deuses", de uma forma definitiva. Ademais, no trecho citado, as palavras ou frases como: "maré estranha",

"céu leitoso", "a areia crestada que havia anos só era umedecida pela chuva", "casco enferrujado do cargueiro encalhado", "momento fora do alcance da memória", "um azul de chumbo", reforçam a ideia desse espaço melancólico e soturno, além de evidenciar, nos parece, a reação da natureza ao acontecimento que o marcaria por toda a vida. A morte desses seres excepcionais fica, assim, corroborada pelo acúmulo de caracterizações que denotam tristeza.

A cena do afogamento é retomada novamente no final do romance, com mais detalhes:

> E então, calmamente, os dois [Myles e Chloe] se levantaram e entraram andando no mar, a água dócil como óleo quase não se abrindo à passagem deles, depois se inclinaram para a frente em uníssono e saíram nadando lentamente, as cabeças aparecendo e sumindo em meio à água esbranquiçada da maré cheia, cada vez mais longe. [...] Já estavam bem longe a essa altura, os dois, tão longe que se viam como simples pontos claros entre o céu claro e o mar mais claro ainda, e então um dos dois pontos desapareceu. A partir daí tudo acabou muito depressa, quer dizer, o que pudemos ver. Uma pequena erupção na água, um pouco de espuma branca, mais branca que a água a toda volta, e depois nada, o mundo indiferente se recompondo. (BANVILLE, 2014, p. 210)

Não fica claro se os gêmeos se afogaram acidental ou propositalmente, visto que eles entraram calmamente na água e seguiram nadando lentamente. Talvez quisessem chamar a atenção, ou provocar a babá Rose, pois ela tinha acabado de flagrar Chloe e Max se beijando. O que sabemos é que Chloe tinha mudanças súbitas de humor, por vezes rebelde, e Myles, seu irmão, não falava. Myles é referido na narrativa como "a pessoa sem voz" (BANVILLE, 2014, p. 12). Max, ao referir-se a Chloe, relata: "E irei conhecer muito bem essas guinadas súbitas de humor, essas suas cismas repentinas" (BANVILLE, 2014, p. 33). Esse trágico acontecimento presenciado por Max afetou-o de tal maneira que se desenvolveu um trauma, pois ele não volta mais a nadar. Segundo Seligmann-Silva (2008, p. 69), uma característica do trauma é que ele é a memória de um passado que não passa. Entretanto, para Aleida Assmann (2018) o trauma é mais do que uma representação mental da psique, pois também está inscrito no corpo. O sujeito leva consigo a experiência do trauma, em graus menores ou maiores, por toda a vida.

A narrativa é carregada de várias outras descrições e momentos que têm o olhar melancólico, enlutado e entristecido de Max. Essa melancolia pode ser observada também pela presença da cor cinza. Conforme Chevalier e Gheerbrant (1989), em *Dicionário de símbolos*, a simbologia da cor cinza traz consigo a perspectiva de nulidade da vida, tristeza e

dor, portanto, de melancolia, como no dia em que ao observar Anna, já doente, na banheira, Max percebeu o som das águas se movendo, e retorna ao quarto, onde se põe a contemplar o anoitecer, diante de sua angústia e impotência: "fechando a porta atrás de mim, sentando-me à mesa e pondo-me a contemplar o cinza luminoso do anoitecer, tentando não pensar em nada" (BANVILLE, 2014, p. 135). É o anoitecer melancólico, diante da fragilidade da vida.

As recordações de Max, ou parte delas, estão impregnadas de melancolia e de luto por razão da passagem do tempo, e mesmo da dor da perda de pessoas. Novamente a cor cinza aparece reforçando a atmosfera espiritual melancólica, já que Max está se lembrando de uma determinada tarde quando havia se encontrado com Chloe: "[e]ra uma tarde cinza e tempestuosa, já perto do fim das férias, com sutis notas outonais já presentes no ar, e ela estava entediada e com uma disposição malévola" (BANVILLE, 2014, p. 148). Outro dia, ao voltar da praia com os gêmeos, o clima, na visão de Max, estava impregnado de melancolia – cinzento, frio, taciturno. Segundo ele: "O ar enevoado e cinzento do anoitecer transmitia a sensação de cinzas molhadas. Eu nos vejo dando meia volta e tomando o rumo da brecha em meio às dunas que levava à Station Road. Um canto da toalha de Chloe se arrasta pela areia" (BANVILLE, 2014, p. 120). A ênfase na cor cinza acentua o tom melancólico da narrativa, pois é a cor preponderante em cenas onde Max interage com Chloe. É um realce do sentimento que permeia a narrativa, a sua atmosfera imperativa, já que a ausência de Anna motiva o retorno de Max para a paisagem de sua infância. É em Ballyless que o leitor começa a descobrir que, para além da sensação de luto, o protagonista está submerso em lembranças saudosas, porém doloridas, de suas férias infantis, mas também dos momentos em que descobre a doença da esposa.

Em se tratando de Anna, o protagonista nos relata que ela, já acometida da doença, foi lentamente saindo de sua vida. Uma das coisas que Anna mais gostava e lhe dava prazer era, segundo Max, os "longos banhos de banheira à tarde. Eles a acalmavam, dizia ela. Por todo o outono e todo o inverno daqueles doze meses de sua lenta demorada, ficamos encerrados em nossa casa junto ao mar, exatamente como Bonnard e sua Marthe em Le Bosquet" (BANVILLE, 2014, p. 134). Bonnard, aqui citado, é um pintor francês que Max admirava e pretendia escrever um ensaio, em seu regresso ao *The Cedars*. Marthe era a esposa do pintor. Todavia, a pretensão de Max em realizar um ensaio sobre Bonnard acabou se tornando uma escrita sobre sua própria vida, sobre "pessoas" que já haviam desaparecido há décadas, mas que possivelmente ainda o assombravam. E o exorcismo só poderia ser feito

voltando ao local das aparições. Quer dizer, Max retorna para a casa que a família Grace se hospedava com o intuito de resolver pendências de seu passado, e o relato em que ele se torna o protagonista narrador, é o resultado de sua auto sessão terapêutica.

A partida de Anna deixa em Max um vazio. O que é característico do luto, como explica Freud (2013). Esse vazio pode ser sentido pela ausência dela na casa, como ele confessa: "Depois da morte de Anna ela [a casa] ficou oca, converteu-se numa vasta câmara de eco. Havia ainda algo de hostil no ar, o rosnado intratável de um velho cão incapaz de entender aonde tinha ido a sua amada dona e ofendido pela presença do dono restante" (BANVILLE, 2014, p. 128-129). A figura do cão é característica como uma imagem associada à melancolia. O cão é, segundo o conhecimento dos antigos, dominado pelo baço, responsável pela produção da bile negra, por isso seu caráter sombrio, soturno, conforme Scliar (2008). A figura do cão aparece também, na comparação que Max faz de Anna em seus longos banhos de banheira com uma tela do pintor Bonnard chamada *Nu com cãozinho* (1941-1946). A perda de Anna provoca reações em Max, ao ponto de ele quebrar a taça de vidro em sua mão, logo após o enterro, no retorno para a casa:

> Mas eu não quero solicitude. Eu quero raiva, vitupérios, violência. [...] Depois do enterro, quando as pessoas voltaram para a nossa casa — o que foi horrível, quase insuportável — apertei uma taça de vinho com tanta força que ela se espatifou na minha mão. Gratificado, fiquei olhando meu sangue gotejar como se fosse o sangue de um inimigo que eu tivesse cortado com o gume da espada. (BANVILLE, 2014, p. 131)

Essa reação agressiva de Max revela sua dor diante da solidão, da ausência de sua esposa, do início do processo de luto e do desespero, contribuindo assim para acentuar seu estado de melancolia e angústia. Conforme Kathleen Costello-Sullivan (2018), em "My Memory Gropes in Search of Details", a morte de Anna revela também um trauma anterior não ressignificado: a morte dos gêmeos. Segundo a autora, "[a] morte recente de Anna, portanto, desencadeou seu retorno ao espaço e ao lugar de um trauma formativo anterior" (2018, p. 35)[6]. Max recebe essa morte como uma afronta. Todos parecem ir embora, enquanto ele resiste. Anna é uma perda significativa em sua vida, que o leva de volta ao seu passado, naquele fatídico verão da morte dos gêmeos. O seu passado o atemoriza, pois, a morte dos gêmeos, pressupõe ser o seu trauma mais fundamental "ao qual ele é jogado de volta

[6] Anna's recent death has thus triggered his return to the space and place of an earlier, formative trauma. Tradução nossa. Todas as traduções de nossa autoria serão seguidas, em nota de rodapé, pelo texto original.

associativamente com a morte de sua esposa" (COSTELLO-SULLIVAN, 2018, p. 40)[7]. Essa morte tão recente o condiciona ao luto, o qual é prolongado a um estado de melancolia, quando retorna para *The Cedars*. Freud (2013) evidencia que o luto e a melancolia são reações de perda, que geram sofrimento conflitante no indivíduo.

O silêncio ecoa a dor de se viver sozinho, restando apenas a perturbação dos pensamentos em que Max se questiona: "Por que você [Anna] não volta para me assombrar? É o mínimo que eu esperava de você. Por que esse silêncio dia após dia, noite após noite interminável? É como um nevoeiro, esse seu silêncio" (BANVILLE, 2014, p. 213). Segundo Comte-Sponville (1997), o luto tem essa capacidade de deixar a vida demasiadamente dolorosa. A narrativa de *O mar* lida diretamente com essas duas importantes perdas, a dos gêmeos e a de Anna, no entanto, outras mortes aparecem ao longo da trama: Charlie Weiss, sogro de Max, morre de um coágulo no cérebro. Sua sogra morre quando Anna tinha apenas doze anos. E sua mãe morre logo após o seu casamento, de problema no coração. Max cresceu nutrindo certa revolta de sua mãe, pois quando criança ele se lembrava que ela vivia amargurada pelo abandono do marido, ou seja, do pai do protagonista. A relação familiar de Max era fragilizada desde a infância, conforme ele afirma:

> Mamãe não compareceu ao nosso casamento — vou admitir: não a convidei — e morreu não muito tempo depois, mais ou menos à mesma época que Charlie Weiss. "Como se tivessem decidido nos libertar, os dois de uma vez", disse Anna. [...] Morreu no inverno seguinte, sentada num banco junto ao canal numa tarde atipicamente amena de um dia do meio da semana. *Angina pectoris*, ninguém sabia. (BANVILLE, 2014, p. 180-182)

Há outras duas mortes relatadas, mesmo que brevemente, na narrativa. O casal Grace – Connie e Carlo –, pais dos gêmeos, que morreram pouco tempo depois da tragédia. Connie num acidente de carro e Carlo em decorrência de um aneurisma. E Max Morden revela seu estado emocional – conflituoso e entristecido – na medida em que é bastante descritivo em relação ao espaço, na sua solidão e nas suas recordações. No entanto, há momentos em que essas descrições sofrem lapsos, características de uma memória traumática. Logo,

> *O mar* sem dúvida fornece o retrato mais abrangente de perda traumática no cânone de Banville. A narrativa destaca a natureza não processada do luto de Morden; suas memórias e lutas com o passado apresentam um exemplo clássico de alguém que passou por um trauma significativo. (COSTELLO-SULLIVAN, 2018, p. 34)[8]

[7] to which he is cast back associatively by his wife's death.
[8] The Sea arguably provides the most comprehensive portrait of traumatic loss in Banville's canon. The narrative. foregrounds the unprocessed nature of Morden's mourning; his memories and struggles with the past present a classic example of someone who has experienced significant trauma.

Se o processo de luto, conforme já discutimos aqui, passa por etapas, da negação à aceitação, podemos observar que Max tem os seus momentos de dor e revolta, contudo, ele encontra-se mais ao final da narrativa, em um possível início de superação. Sua filha Claire volta para buscá-lo em *The Cedars* para assim poder cuidar dele. É chegado o momento da partida, apesar de não ser da sua vontade regressar para casa: "onde irá cuidar de mim, cuidados que incluirão, ela me dá a entender, a suspensão do consumo de todo e qualquer estimulante, ou soporífico, alcoólico, até o momento em que o Médico, ele de novo, me declarar pronto para alguma coisa, a vida, imagino eu" (BANVILLE, 2014, p. 223). A tarefa de escrever um relato memorialístico pode ser entendida também como uma maneira de superar, de lidar com seus dramas interiores, com a dor do luto, na medida em que expõe suas angústias e reflexões.

Assim, *O mar* é uma narrativa marcada por mortes, perdas, traumas, que acompanham a vida do enlutado e melancólico Max Morden. Suas descrições revelam sua dor, dilemas, reflexões, e seu estado de espírito, ora enlevado, ora entristecido. Regressar ao passado é uma tentativa de lidar com o seu luto recente, encontrando-se diante de seu trauma: a morte dos gêmeos e o medo de nadar, associado a uma melancolia permeada de reflexões. Afinal, o que restarão no fim da vida, conforme Max, são "a poeira dos mortos".

Considerações Finais

Os sentimentos de luto e de melancolia, como podem ser vistos, integram a vida do ser humano e fazem parte da sua trajetória existencial. Em algum momento, cada um de nós precisará lidar com a dor da perda, com o luto, e mesmo com a melancolia, em graus menores ou maiores. De uma melancolia natural, como o fim de tarde tristonho, até uma melancolia prolongada, ocasionada por uma perda dolorosa.

Nesse sentido, tanto a melancolia como o luto são caracterizados como reações de perda: de alguém, de um ideal. Max Morden, nos possibilita observar essas duas reações. Max perde sua esposa Anna para o câncer, condicionando-o ao seu estado de luto e regresso ao passado, no embate com suas dores e traumas não ressignificados, o que ocasiona e prolonga seu estado melancólico. No entanto, seu regresso ao passado e seu relato memorialístico abrem passagem para uma possível superação de seu estado. À medida que escreve, expõe sua dor e pressupõe eternizar momentos e pessoas.

O mar é um romance sobre a efemeridade da vida, perda, trauma, luto e melancolia, momentos e sentimentos que fazem parte da vida. Contudo, a narrativa de John Banville nos faz refletir sobre a passagem da vida e sobre momentos marcantes que são reconstruídos pelo exercício mnemônico.

Referências

ARISTÓTELES. *O homem de gênio e a melancolia*. O problema XXX, 1. Tradução do francês de Alexei Bueno. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 1998.

ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação*: formas e transformações da memória cultural. Coord. da tradução Paulo Soethe. Campinas: Unicamp, 2018.

BANVILLE, John. *O mar*. Tradução Sergio Flaksman. São Paulo: Editora Globo, 2014.

BENJAMIN, Walter. *Origem do drama barroco alemão*. Tradução de Sérgio Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CHEVALIER, Jean. GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números). 2. ed. Tradução de Vera da Costa e Silva. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

COMTE-SPONVILLE, André. *Bom dia, angústia!*. Tradução Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

COSTELLO-SULLIVAN, Kathleen. My memory gropes in search of details. In: *Trauma and Recovery in the Twenty-First-Century Irish Novel*. New York: Syracuse University Press, p. 33-52, 2018.

FREUD, Sigmund. *Luto e melancolia*. Tradução Marilene Carone. São Paulo: Cosac Naify, 1ª edição eletrônica, 2013. Disponível em:<https://clinicasdotestemunhosc.weebly.com/uploads/6/0/0/8/60089183/luto_e_melancolia_-_sigmund_freud.pdf>. Acesso em: 14 de abr. 2021.

HESÍODO. *Teogonia*. A origem dos deuses. Tradução de Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 2003.

MESSERSCHMIDT, Marcos Lentino. Pensar a melancolia: dos humores de Hipócrates ao pessimismo revolucionário de Walter Benjamin. Griot: Revista de Filosofia, Amargosa – BA, v.20, n.2, p.88-98, junho, 2020.

RAMOS, Vera Alexandra Barbosa. O processo de luto. *Psicologia.pt* - O Portal dos Psicólogos. [Em linha]. 2016. Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1021.pdf>. Acesso em: 19 de ago. de 2021. ISSN 1646-6977

SANTA CLARA, Carlos José da Silva. Melancolia: da antiguidade à modernidade - uma breve análise histórica. *Mental* [online]. 2009, vol.7, n.13, pp. 01-11. ISSN 1679-4427

SCLIAR, Moacyr. O nascimento da melancolia. In: *Ide, psicanálise e cultura*, São Paulo, v. 31, n. 47, 2008, p. 133-138.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma – a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. In: *Psic. Clin*., Rio de Janeiro, Vol. 20, n. 1, 2008, pp. 65-82.